Ashtavakra Gita

Tradução em inglês [em verso] de Bart Marshall - 2005

Tradução em português [em prosa] de Eleonora Meier - 2018

Esse e-book gratuito [em inglês] foi baixado
de www.holybooks.com;
http://www.holybooks.com/ashtavakra-gita/

Prefácio da tradução em inglês

No Vietnã, quando eu tinha vinte e um anos, uma granada de mão ou um morteiro próximo – as circunstâncias tornaram difícil determinar qual – me lançou em uma escuridão clara e brilhante. Nos trinta e sete anos seguintes esse vislumbre do vazio infinito, tão íntimo, tão familiar, me manteve procurando quase obsessivamente em livros esotéricos e cantos distantes por uma explicação de mim mesmo. Então "de repente" o véu, como dizem, foi erguido.

Poucos meses depois dessa ocorrência, quando o meu interesse em ler começou a retornar lentamente, eu me encontrei atraído principalmente pelos provérbios e escritos dos mestres antigos. O que Buddha tinha a dizer? O que Cristo tinha a dizer? Lao Tsu? Patanjali? Eu quis lê-los com novos olhos.

Estranhamente, naqueles trinta e sete anos de busca, eu nunca tinha lido a Ashtavakra Gita, e na verdade não sabia da sua existência. Então, recentemente, quando eu me sentei ao lado de um amigo e professor moribundo, outro amigo a colocou em minhas mãos. Eu a abri e fiquei atônito. Aqui, em um volume conciso, estava tudo o que precisava ser dito.

Eu imediatamente adquiri outras versões e mergulhei elas. Cada uma tinha os seus pontos bons, mas nenhuma delas falava como o meu ouvido interno estava ouvindo.

As transcrições literais do sânscrito eram valiosas como referência, mas requeriam estudo paciente para entender.

Traduções inglesas por estudiosos indianos tornavam o significado mais claro, mas tendiam a não ter certo ritmo, poesia e nuance de linguagem dos quais que eu sentia necessidade.

As traduções de estudiosos nativos de língua inglesa eram melhores nesse aspecto, mas às vezes se afastavam demais do original, ou simplesmente não atingiam as notas que eu estava ouvindo.

Então um dia eu escrevi um verso do jeito que eu o ouvia. Eu gostei do que li. Era contagiante. Eu não pude parar.

Há algumas convenções a serem mencionadas. Palavras escritas como Ser, Percepção, Deus, Absoluto, Consciência, Conhecimento, Testemunha, Aquilo, Esse, Vazio, Luz, Todo, Único, Tudo, Nada, Inexistência, Existência, Eu, Você, Isso, Ele Mesmo, Bem-aventurança, Supremo, Unidade e Verdade são usadas como sinônimos, embora às vezes em contexto sutil – e, em última análise, inexistente – diferenças podem ser indicadas. Todas essas palavras apontam para O Que É – a verdadeira natureza da Realidade.

As palavras universo, mundo, criação e ilusão são sinônimos referentes ao mundo aparentemente real (mas não) manifestado de objetos físicos, pessoas, eu pessoal, ideias, pensamentos, deuses, conhecimento, conceitos, mitos, religiões, história, memórias, emoções, tempo, espaço – tudo o que percebemos através da mente e dos sentidos, incluindo a mente e os próprios sentidos. Maya.

Palavras e frases sinônimas usadas para denotar uma "pessoa" que realizou o Eu, que conhece a Verdade, que percebe o Real incluem: erudito, o sem desejos, liberto, alma liberta, grande alma, sábio e yogue.

A Ashtavakra Gita é um antigo documento espiritual de grande pureza e poder. Pura, porque é implacavelmente unidirecionada. Cada palavra é voltada para desencadear Autorrealização – sem sugestões para autoaperfeiçoamento, sem regras de comportamento moral, sem sabedoria prática para a vida diária. Poderosa, porque a mera leitura – ou leitura repetida – pode ser suficiente para enviar uma mente madura vacilante para a Verdade.

Pouco se sabe sobre a *Ashtavakra Gita*. Ashtavakra é um nome que aparece na tradição indiana, mas quase certamente ele não a escreveu. O autor, provavelmente um sábio anônimo, apenas usa os personagens de Ashtavakra e do rei Janaka para estabelecer um diálogo clássico entre guru e discípulo. Ele rapidamente se torna um diálogo guru-guru, no entanto, porque, depois da primeira salva de sabedoria de Ashtavakra, Janaka realiza o seu verdadeiro Eu, e daí em diante eles entram em uma sessão de improvisação musical[1] advaítica da mais alta qualidade.

Por isso, alguns tradutores acabaram com o formato de diálogo e atribuíram tudo a Ashtavakra. De fato, já que todos os versos da Ashtavakra Gita existem no nível mais alto possível de sabedoria falada, pareceria sem sentido atribuir parte ao professor e parte ao discípulo recém-iluminado. No entanto, há um enredo estabelecido na Ashtavakra Gita, e para mim ele é algo assim:

Capítulo 1 [Instrução sobre Autorrealização]: Tudo começa quando o rei Janaka pergunta ao sábio Ashtavakra como ele pode obter conhecimento, desapego, libertação. Ashtavakra diz a ele.

Capítulo 2 [A Alegria da Autorrealização]: Funciona! Ao ouvir as palavras de Ashtavakra, Janaka percebe a sua Verdadeira Natureza. Arrebatado, ele descreve a alegria e a maravilha do seu novo estado.

Capítulo 3 [O Teste de Autorrealização]: Ashtavakra está encantado por Janaka, mas vê inconsistências. Ele desencadeia uma série de versos de confrontação sobre o apego ao prazer mundano.

Capítulo 4 [A Glorificação da Autorrealização]: Janaka afirma que o Senhor do Universo pode fazer o que quiser.

Capítulo 5 [Os Quatro Caminhos para a Dissolução]: Ashtavakra não discorda, mas em quatro versos concisos aponta para o próximo passo – dissolução.

Capítulo 6 [O Maior Conhecimento]: Janaka diz: "Eu já sei disso", equiparando-se a ele em estilo e número de versos.

Capítulo 7 [A Natureza da Autorrealização]: Incapaz de deixar por isso mesmo, no entanto, Janaka continua a descrever o seu estado iluminado.

Capítulo 8 [Escravidão e Libertação]: Ainda ouvindo muito "eu" na linguagem de Janaka, Ashtavakra o instrui nas sutilezas do apego e da escravidão.

Capítulo 9 [Desapego]: Ashtavakra continua a descrever o caminho do desapego verdadeiro.

Capítulo 10 [Quietude]: Ashtavakra ataca a tolice do desejo – não importa quão elevado ou sutil seja.

[1] Literalmente: *Jam session.* – E. M.

Capítulo 11 [Sabedoria]: Ashtavakra descreve ainda mais o estado de ausência de desejo para o qual ele aponta.

Capítulo 12 [Permanecendo no Eu]: Janaka responde descrevendo o estado de quietude atemporal no qual ele se encontra agora.

Capítulo 13 [Felicidade]: Janaka, tendo sido instruído por Ashtavakra no Capítulo Um a "ser feliz", relata que ele realmente é.

Capítulo 14 [Tranquilidade]: Janaka então resume o estado exaltado com calma indiferença.

Capítulo 15 [O Conhecimento do Eu]: Impressionado, mas não pelo ensino, Ashtavakra implacavelmente aponta para o vasto vazio do Eu.

Capítulo 16 [Instrução Especial]: Ashtavakra ataca a futilidade do esforço e do conhecimento.

Capítulo 17 [O Verdadeiro Conhecedor]: Ashtavakra descreve a natureza de alguém que é realmente livre.

Capítulo 18 [Paz]: Finalmente, Ashtavakra o atinge com tudo o que ele tem – 100 versos de pura não-dualidade. Se isso não funcionar, nada funcionará.

Capítulo 19 [O Repouso no Eu]: Funciona! Janaka não mais descreve o seu estado iluminado, mas só pode falar em questões reveladoras de ausência.

Capítulo 20 [A Libertação em Vida]: Em uma última enxurrada de perguntas que apontam apenas para a sua própria ausência de sentido, Janaka queima os últimos vestígios de personalidade e entra em dissolução. Ele termina com: "Nada mais pode ser dito".

Ashtavakra sorri, assente com aprovação e não diz mais nada.

Bart Marshall
Agosto de 2005

1. Instrução sobre Autorrealização

Janaka disse:

1.1. Mestre, como o conhecimento deve ser obtido, o desapego adquirido e a libertação alcançada?

Ashtavakra disse:

1.2. Para ser livre, evite as experiências dos sentidos como veneno. Volte a sua atenção para o perdão, a sinceridade, a bondade, a simplicidade, a verdade.

1.3. Você não é terra, água, fogo ou ar. Nem você é o espaço vazio. Liberação é conhecer a si mesmo como Consciência apenas – como a testemunha desses.

1.4. Permaneça em Consciência sem nenhuma ilusão de individualidade. Você estará instantaneamente livre e em paz.

1.5. Você não tem casta nem deveres. Você é invisível, desapegado, sem forma. Você é a Testemunha de todas as coisas. Seja feliz.

1.6. Certo e errado, prazer e dor, só existem na mente. Eles não são a sua preocupação. Você não faz nem desfruta. Você é livre.

1.7. Você é a Testemunha Solitária de Tudo O Que É, sempre livre. A sua única escravidão é não ver Isso.

1.8. O pensamento: "Eu sou o fazedor" é a mordida de uma cobra venenosa. Saber que "Eu não faço nada" é a sabedoria da fé. Seja feliz.

1.9. Um único entendimento: "Eu sou a Única Consciência" consome todo o sofrimento no fogo de um instante. Seja feliz.

1.10. Você é Consciência ilimitada – Bem-aventurança, Felicidade Suprema – na qual o universo aparece como a miragem de uma cobra em uma corda. Seja feliz.

1.11. É verdade o que dizem: "Você é o que você pensa." Se você acha que está preso, você está preso. Se você acha que está livre, você está livre.

1.12. Você é o Eu – A Testemunha Solitária. Você é perfeito, onipenetrante, Único. Você é livre, sem desejos, eternamente sereno. O universo é apenas uma aparência em Você.

1.13. Medite nisto: "Eu sou Consciência apenas – a Unidade em si". Abandone a ideia de que você é separado, uma pessoa, de que dentro e fora existem.

1.14. Você há muito tempo tem sido obrigado a pensar: "Eu sou uma pessoa." Que o conhecimento: "Eu sou só Consciência" seja a espada que o liberte.

1.15. Você agora e para sempre é livre, luminoso, transparente, sereno. A prática de meditação mantém uma pessoa em escravidão.

1.16. Você é pura Consciência – a substância do universo. O universo existe dentro de você. Não seja de mente pequena.

1.17. Você é incondicionado, imutável, sem forma. Você é sólido, insondável, impassível. Não deseje nada. Você é a Consciência.

1.18. O que tem forma não é real. Somente o sem forma é permanente. Uma vez que isso for conhecido, você não retornará à ilusão.

1.19. Assim como um espelho existe dentro e fora da imagem refletida, o Eu Supremo existe tanto dentro quanto fora do corpo.

1.20. Assim como o mesmo espaço existe dentro e fora de um jarro, o Único eterno, onipresente existe como a Totalidade. ◄

2 - A Alegria da Autorrealização

Janaka disse:

2.1. Agora eu sou imaculado e em paz – Consciência além da Percepção. Todo esse tempo eu fui enganado pela ilusão.

2.2. Só por essa luz o corpo e o universo aparecem. Eu sou Tudo ou Nada.

2.3. Vendo que não há universo nem corpo, pela graça o Eu é revelado.

2.4. Como ondas, espuma e bolhas não são diferentes da água, assim o universo que emana do Eu não é diferente do Eu.

2.5. Olhe atentamente para o tecido, você vê apenas fios. Olhe atentamente para a criação, você vê somente o Eu.

2.6. Como a doçura permeia o suco da cana-de-açúcar, eu sou a essência da criação.

2.7. Não vendo o Eu, o mundo se materializa. Vendo o Eu, o mundo desaparece. Uma corda não é uma cobra, mas pode parecer ser.

2.8. Eu não sou diferente da Luz. O universo se manifesta ao meu olhar.

2.9. A miragem do universo aparece em mim como a prata aparece na madrepérola, como uma cobra aparece em uma corda, como a água aparece no horizonte do deserto.

2.10. Como um pote volta ao barro, uma onda à água, um bracelete ao ouro, assim o universo voltará para Mim.

2.11. Eu sou maravilhoso de fato – além da adoração. Eu não posso decair nem jamais morrer, embora Deus e todo o universo devam perecer até a última folha de grama.

2.12. Eu sou maravilhoso de fato – além da adoração. Mesmo com um corpo eu sou Único. Eu não venho nem vou. Eu estou em todos os lugares ao mesmo tempo.

2.13. Eu sou maravilhoso de fato – além da adoração. Eu estou maravilhado com os meus poderes. O universo aparece dentro de mim, mas eu não o toco.

2.14. Eu sou maravilhoso de fato – além da adoração. Eu sou tudo pensado ou falado, e não tenho nada.

2.15. Na Realidade, o conhecimento, o conhecedor e conhecível não existem. Eu sou o Eu transparente no qual por meio da ignorância eles aparecem.

2.16. Olhar para o Único e ver muitos é a causa de toda miséria. A única cura é perceber que o que é visto não está lá. Eu sou Único – consciente, bem-aventurando, imaculado.

2.17. Eu sou Consciência ilimitada. Só na imaginação eu tenho limites. Refletindo sobre isso, eu permaneço no Absoluto.

2.18. Eu não sou nem livre nem vinculado. A ilusão de tais coisas caiu em descrença. Embora eu contenha a criação, ela não tem substância.

2.19. Tendo visto com certeza que esse universo e corpo não têm forma nem substância, eu sou revelado como Consciência apenas. A imaginação não tem lugar aqui.

2.20. O corpo existe só na imaginação, como o céu e o inferno, a escravidão, a liberdade, o medo. Esses são minha preocupação? Eu, que sou Consciência pura?

2.21. Eu não vejo diferenças nem separação. Até as multidões aparecem como um único deserto informe. Ao quê devo me apegar?

2.22. Eu não sou o corpo. Eu não tenho um corpo. Eu sou Consciência, não uma pessoa. A minha sede de vida me vinculou a uma aparência de vida.

2.23. No oceano ilimitado de Mim Mesmo os ventos da mente provocam a miríade de ondas do mundo.

2.24. Mas quando o vento acaba no oceano ilimitado a arca da personalidade é engolida, juntamente com o universo que ela carrega.

2.25. E como isso é maravilhoso! No oceano ilimitado de Mim Mesmo ondas de seres surgem, colidem, brincam por um tempo, então desaparecem – como é a sua natureza. ◄

3. O Teste de Autorrealização

Ashtavakra disse:

3.1. Tendo percebido a si mesmo como Único, sendo sereno e indestrutível, por que você deseja riqueza?

3.2. Assim como imaginar prata em madrepérola provoca a cobiça, assim a ignorância do Eu causa o desejo por ilusão.

3.3. Tendo percebido a si mesmo como Aquilo em que as ondas do mundo se elevam e caem, por que você corre por toda parte em agitação?

3.4. Tendo percebido a si mesmo como Consciência pura, tão bela além da descrição, como você pode permanecer escravo da luxúria?

3.5. É estranho que em um sábio que realizou o Eu em Tudo e Tudo no Eu esse senso de propriedade continue.

3.6. Estranho que aquele que permanece no Absoluto, concentrado na liberdade, seja vulnerável à luxúria e enfraquecido por passatempos amorosos.

3.7. Estranho que conhecendo a luxúria como inimiga do conhecimento, alguém tão fraco e à beira da morte ainda anseie pelo prazer dos sentidos.

3.8. Estranho aquele que é desapegado das coisas desse mundo e do próximo, que pode discernir entre o transitório e o eterno, que anseia por liberdade, ainda assim tema a dissolução do corpo.

3.9. Seja aclamado ou atormentado o sábio sereno permanece no Eu. Ele não fica satisfeito nem irritado.

3.10. Uma grande alma testemunha as ações de seu corpo como se fossem de outro. Como o louvor ou a crítica podem incomodá-lo?

3.11. Percebendo que o universo é ilusão, tendo perdido toda curiosidade, como alguém de mente firme pode ter medo da morte?

3.12. Com quem podemos comparar a grande alma que, contente conhecendo o Eu, permanece sem desejos em desilusão?

3.13. Por que uma pessoa de mente estável, que vê o nada dos objetos, prefere uma coisa à outra?

3.14. Aquele que é desapegado, imperturbado por opostos, livre do desejo, não experimenta prazer nem dor conforme os eventos passam. ◄

4. A Glorificação da Autorrealização

Janaka disse:

4.1. Certamente aquele que conhece o Eu, embora ele jogue o jogo da vida, difere muito dos animais confusos sobrecarregados do mundo.

4.2. Realmente o yogue não sente nenhuma exaltação, embora ele permaneça no estado exaltado almejado por Indra e todos os deuses descontentes.

4.3. Certamente aquele que conhece Aquilo não é tocado pela virtude ou vício, assim como o espaço não é tocado pela fumaça, embora pareça ser.

4.4. Quem pode impedir a grande alma, que conhece o universo como Eu, de viver a vida como ela vier?

4.5. Dos quatro tipos de seres, de Brahma a uma folha de grama, só o sábio pode renunciar à aversão e ao desejo.

4.6. Raro é aquele que se reconhece como Único sem nenhum outro – o Senhor do Universo. Ele age como ele quer e nunca tem medo. ◄

5. Os Quatro Caminhos para a Dissolução

Ashtavakra disse:

5.1. Você é imaculado, não tocado por nada. O que há para renunciar? A mente é complexa – deixe-a ir. Conheça a paz da dissolução.

5.2. O universo surge de você como a espuma do mar. Reconheça-se como Único. Entre na paz da dissolução.

5.3. Como uma serpente imaginada em uma corda o universo parece existir no Eu imaculado, mas não existe. Vendo isso, você sabe: "Não há nada para se dissolver".

5.4. Você é perfeito, imutável através da miséria e da felicidade, esperança e desespero, vida e morte. Esse é o estado de dissolução. ◄

6. O Maior Conhecimento

Janaka disse:

6.1. Eu sou espaço infinito; o universo é um jarro. Disso eu sei. Não há necessidade de renunciar, aceitar ou destruir.

6.2. Eu sou um oceano sem margem; o universo faz ondas. Disso eu sei. Não há necessidade de renunciar, aceitar ou destruir.

6.3. Eu sou madrepérola; o universo é a ilusão de prata. Disso eu sei. Não há necessidade de renunciar, aceitar ou destruir.

6.4. Eu estou em todos os seres; todos os seres estão em mim. Disso eu sei. Não há necessidade de renunciar, aceitar ou destruir. ◄

7. A Natureza da Autorrealização

Janaka disse:

7.1. Em mim, o oceano sem margem, a arca do universo flutua aqui e ali nos ventos de sua natureza. Eu não sou impaciente.

7.2. Em mim, o oceano sem margem, que as ondas do universo subam e caiam como quiserem. Eu não sou aumentado nem diminuído.

7.3. Em mim, o oceano sem margem, o universo é imaginado. Eu sou imóvel e informe. Só nisso eu permaneço.

7.4. O Eu não está em objetos, nem há objetos no Eu puro e infinito. O Eu é tranquilo, livre de apego e desejo. Só nisso eu permaneço.

7.5. Eu sou só Consciência. O mundo é exibição passageira. Como podem surgir pensamentos de aceitação ou rejeição? E onde? ◄

8. Escravidão e Libertação

Ashtavakra disse:

8.1. Quando a mente deseja ou se aflige por coisas, aceita ou rejeita coisas, fica satisfeita ou insatisfeita por coisas – isso é escravidão.

8.2. Quando a mente não deseja nem se aflige, não aceita nem rejeita, não fica satisfeita nem insatisfeita, a libertação é iminente.

8.3. Se a mente está vinculada a alguma experiência, isso é escravidão. Quando a mente está separada de toda experiência, isso é libertação.

8.4. Quando não há "eu" só há libertação. Quando o "eu" aparece a escravidão aparece com ele. Sabendo disso, é fácil se abster de aceitar e rejeitar. ◄

9. Desapego

Ashtavakra disse:

9.1. Forças opostas, deveres feitos e não feitos – quando isso acaba e para quem? Considerando isso, seja sempre livre de desejos, largue todas as coisas e dirija ao mundo um olhar indiferente.

9.2. Raro e abençoado é aquele cujo desejo de viver, de desfrutar e conhecer, foi extinto por observar os rumos dos homens.

9.3. Vendo tudo como um triplo sofrimento, o sábio se torna impassível. Insubstancial, transitório, desprezível – o mundo é digno apenas de rejeição.

9.4. Houve uma era ou tempo em que os homens existiram sem opostos? Deixe os opostos para trás. Fique satisfeito com o que vier. Perfeição.

9.5. Os maiores videntes, santos e yogues concordam sobre muito pouco. Vendo isso, quem poderia não ser indiferente ao conhecimento e ficar sereno?

9.6. Aquele que, por indiferença mundana, por serenidade e razão, vê a sua verdadeira natureza e escapa da ilusão – ele não é um verdadeiro instrutor?

9.7. Nas miríades de formas do universo veja somente o elemento primordial. Você será instantaneamente livre, e permanecerá no Eu.

9.8. O desejo cria o mundo – renuncie a ele. Renuncie aos desejos e você renuncia ao mundo. Agora você pode viver como você é. ◄

10. Quietude

Ashtavakra disse:

10.1. Abandone o desejo, que é o inimigo. Abandone a prosperidade, que nasce das maldades e das boas obras. Seja indiferente.

10.2. Considere amigos, terras, riqueza, casas, esposas, presentes – e toda a boa fortuna aparente – como uma exibição passageira, como um sonho que dura de três a cinco dias.

10.3. Onde há desejo, há o mundo. Seja firme em não-apego. Seja livre do desejo. Seja feliz.

10.4. Escravidão e desejo são a mesma coisa. Destrua o desejo e seja livre. Somente por se separar do mundo alguém realiza alegremente o Eu.

10.5. Você é Único – a própria Consciência. O universo não está ciente nem existe. Mesmo a ignorância é irreal. O que resta saber?

10.6. Apegado como você esteve a reinos, filhos, esposas, corpos, prazeres – vida após vida – ainda assim eles agora estão perdidos para sempre.

10.7. Prosperidade, prazer, ações piedosas ... Basta! Na floresta sombria do mundo a mente não acha repouso.

10.8. Por quantas vidas você fez trabalho duro e doloroso com corpo, mente e fala? É hora de parar. ◄

11. Sabedoria

Ashtavakra disse:

11.1. Existência, inexistência, mudança – essa é a natureza das coisas. Ao perceber isso a quietude, a serenidade e a felicidade vêm naturalmente.

11.2. Aquele que sabe com certeza que "O Eu cria Tudo e é único" se torna impassível, livre de desejos, desapegado.

11.3. Aquele que sabe com certeza que adversidade e sucesso vem e vão em obediência ao destino se torna contente. Ele não deseja nem sofre.

11.4. Aquele que sabe com certeza que nascimento e morte, felicidade e miséria vem e vão em obediência ao destino não vê nada para realizar. Ele se empenha em não-ação, e em ação permanece desapegado.

11.5. Aquele que percebeu que é só por se importar que a miséria é causada no mundo se torna livre, feliz, sereno, livre de desejos.

11.6. "Eu não sou o corpo, nem o corpo é minha posse – eu sou a própria Consciência". Aquele que percebe isso com certeza não tem memória das coisas feitas ou desfeitas. Existe apenas o Absoluto.

11.7. "De Brahma até a última folha de grama – só eu existo." Aquele que sabe disso com certeza se torna imaculado, sereno, sem conflitos. A obtenção não tem significado.

11.8. Aquele que sabe com certeza que esse universo múltiplo e maravilhoso não é nada se torna Consciência livre de desejos e permanece na quietude do Nada. ◄

12. Permanecendo no Eu

Janaka disse:

12.1. Tornando-me primeiro intolerante à ação, então à fala excessiva, então ao próprio pensamento, eu vim a estar aqui.

12.2. Nem sons nem outras percepções sensoriais atraem a minha atenção. Mesmo o Eu não é percebido. A mente é livre, não distraída, unidirecionada. E aqui estou eu.

12.3. É necessário esforço para concentrar uma mente distraída sobreposta com ilusão. Sabendo disso, eu permaneço aqui.

12.4. Nada a rejeitar, nada a aceitar. Nem alegria, nem tristeza. Senhor Deus, eu estou aqui.

12.5. Os quatro estágios da vida, vida sem estágios, meditação, renúncia, objetos da mente – nada além de distrações. Eu estou aqui para sempre.

12.6. Atividade e inatividade, ambas surgem da ignorância. Eu sei disso. E eu estou aqui.

12.7. Pensar no Impensável inevitavelmente conjura o pensamento. Eu não escolho nenhum pensamento e permaneço aqui.

12.8. Bem-aventurado é aquele que chegou a isso pelo esforço. Bem-aventurado é aquele que é assim por natureza. ◄

13. Felicidade

Janaka disse:

13.1. O estado tranquilo de conhecer só o Eu é raro – mesmo entre aqueles que possuem apenas uma tanga. Eu, portanto, não renuncio nem aceito e sou feliz.

13.2. O corpo é extenuado pelas práticas. A língua se cansa da escritura. A mente entorpece com a meditação. Desapegado de tudo isso, eu vivo como eu sou.

13.3. Percebendo que nada é feito, eu faço o que vier e sou feliz.

13.4. Os yogues que pregam esforço ou não-esforço ainda estão ligados ao corpo. Eu não me dissocio nem me associo com nenhum desses e sou feliz.

13.5. Eu não tenho nada a ganhar ou perder por ficar de pé, caminhar ou me sentar. Então, se eu fico de pé, ando ou me sento eu estou feliz.

13.6. Eu não perco por dormir nem obtenho pelo esforço. Não pensando em termos de perda ou ganho eu sou feliz.

13.7. O prazer e a dor oscilam e são inconsistentes. Sem o bem nem o mal eu vivo feliz. ◄

14. Tranquilidade

Janaka disse:

14.1. Embora parecendo adormecido como outros homens, aquele cujo interesse no mundo se esgotou, cuja mente foi esvaziada, que pensa apenas por inadvertência, está na Realidade desperto.

14.2. Quando o desejo se dissolveu, como pode haver riqueza, ou amigos, ou a sedução dos sentidos? Qual a utilidade da escritura e do conhecimento?

14.3. Eu realizei o Eu Supremo, a Testemunha, o Único. Eu sou indiferente à escravidão e à liberdade. Eu não preciso de libertação.

14.4. A condição interna de alguém que não tem dúvidas, porém se move entre as criaturas de ilusão, só pode ser conhecida por aqueles como ele. ◄

15. O Conhecimento do Eu

Ashtavakra disse:

15.1. Um homem de intuição aberta pode realizar o Eu ao ouvir uma instrução casual, enquanto um homem de intelecto desordenado investiga confuso por toda a vida.

15.2. A aversão às ofertas do mundo é libertação. A atração pelas ofertas do mundo é o sofrimento da escravidão. Essa é a verdade. Agora faça o que quiser.

15.3. Esse conhecimento da Verdade transforma um homem eloquente, sábio e ativo em mudo, vazio e inerte. Os amantes do mundo, portanto, o evitam.

15.4. Você não é o corpo. Você não tem um corpo. Você não faz nem desfruta. Você é apenas Consciência – a Testemunha eterna. Você é livre. Vá em felicidade.

15.5. Apego e aversão são atributos da mente. Você não é a mente. Você é a própria Consciência – imutável, indivisa, livre. Vá em felicidade.

15.6. Realize o Eu em Tudo e Tudo no Eu. Seja livre de identidade pessoal e do senso de "meu". Seja feliz.

15.7. Você é Aquilo no qual o universo aparece como ondas aparecendo no oceano. Você é a própria Consciência. Não precisa se preocupar.

15.8. Tenha fé, meu filho, tenha fé. Você é só a Consciência, o Eu, o Único. Você é o Senhor da Natureza.

15.9. O corpo é feito de coisas mundanas. Ele vem, ele se demora, ele se vai. O Eu não vem nem vai, mas permanece. Por que lamentar o corpo?

15.10. Se o corpo durar até o fim dos tempos ou perecer hoje – haverá ganho ou perda para você? Você que é Consciência?

15.11. Que as ondas do universo subam e caiam como quiserem. Você não tem nada a ganhar ou perder. Você é o oceano.

15.12. Você é a substância da Consciência. O mundo é Você. Quem é que pensa que pode aceitá-lo ou rejeitá-lo? E onde ele se encontra?

15.13. Em você que é Único – imaculado, Consciência imóvel – de onde nascimento, ação ou uma pessoa separada pode surgir?

15.14. Tudo o que você percebe é Você e só Você. Como pulseiras, braceletes e tornozeleiras podem ser diferentes do ouro do qual elas são feitas?

15.15. Deixe para trás distinções tais como "Eu sou Ele, o Eu" e "Eu não sou isso". Considere tudo o Eu. Seja livre de desejos. Seja feliz.

15.16. Apenas a sua ignorância cria o universo. Na realidade Um só existe. Não há pessoa ou Deus além de você.

15.17. Aquele que sabe com certeza que o universo é ilusão, um nada, se torna livre de desejos, Consciência pura, e encontra a paz na existência de nada.

15.18. No oceano da existência apenas Um é, foi e sempre será. Você não está nem preso nem livre. Viva contente e seja feliz.

15.19. Não agite a mente com "sim" ou "não". Você é pura Consciência. Aquiete-se e permaneça na bem-aventurança do Eu.

15.20. Abandone completamente toda contemplação. Não mantenha nada na mente ou no coração. Você é o Eu, sempre livre. De que lhe serve o pensamento? ◄

16. Instrução Especial

Ashtavakra disse:

16.1. Você pode recitar e discutir as escrituras, tudo o que você quiser, mas até você renunciar a tudo você nunca conhecerá a Verdade.

16.2. Você pode desfrutar e trabalhar e meditar, mas você ainda ansiará por Aquilo que está além de toda experiência, e no qual todos os desejos se extinguem.

16.3. Todos são miseráveis porque eles fazem esforço constante. Mas ninguém entende isso. Uma mente madura pode ficar livre após ouvir essa única instrução.

16.4. O mestre preguiçoso, para quem até piscar é um incômodo, é feliz. Mas ele é o único.

16.5. Quando a mente está livre de opostos como "Isso está feito" e "Isso ainda está por fazer" alguém se torna indiferente a mérito, riqueza, prazer e libertação.

16.6. Aquele que abomina os objetos dos sentidos os evita. Aquele que os deseja fica enredado. Aquele que não abomina nem deseja não está nem separado nem vinculado.

16.7. Enquanto houver desejo – que é a ausência de discernimento – haverá apego e desapego. Essa é a causa do mundo.

16.8. A indulgência cria o apego. A aversão cria abstinência. Como uma criança, o sábio é livre de ambos e, portanto, vive como uma criança.

16.9. Aquele que está apegado ao mundo acha que renunciar a ele aliviará a sua miséria. Aquele que não está apegado a nada é livre e não se sente miserável nem no mundo.

16.10. Aquele que reivindica a libertação como sua, como uma realização de uma pessoa, não é iluminado nem um buscador. Ele sofre a sua própria miséria.

16.11. Embora Hara, Hari ou o próprio Brahma nascido do lótus o instruam, até que você não conheça nada você nunca conhecerá o Eu. ◄

17. O Verdadeiro Conhecedor

Ashtavakra disse:

17.1. Obteve Conhecimento e colheu os frutos do yoga aquele que é contente, purificado dos apegos, e à vontade na solidão.

17.2. O conhecedor da Verdade nunca é miserável no mundo, pois todo o universo está cheio de Ele Mesmo apenas.

17.3. Como a folhagem da árvore *nim* não agrada um elefante que se deleita em folhas de *sallaki*, assim os objetos dos sentidos não agradam aquele que se deleita no Eu.

17.4. Raro no mundo é aquele que não saboreia os prazeres passados, nem anseia pelos prazeres futuros.

17.5. Aqueles que desejam prazer e aqueles que desejam libertação são comuns no mundo. Rara é a grande alma que não deseja nem prazer nem libertação.

17.6. Rara é a pessoa de mente correta que não cobiça nem evita religião, riqueza, prazer, vida ou morte.

17.7. O homem de Conhecimento não se importa com o universo nem deseja sua dissolução. Ele vive feliz com tudo o que entra em seu caminho. Ele é abençoado.

17.8. Conhecendo o Eu, com a mente vazia e em paz, o sábio vive alegremente, vendo, ouvindo, tocando, cheirando, comendo.

17.9. Não há apego nem desapego para aquele em quem o oceano do mundo secou. Seu olhar é vazio, sentidos imóveis. Suas ações não têm nenhum propósito.

17.10. O sábio não está dormindo nem acordado. Ele não fecha nem abre os olhos. Assim, para a alma liberta, em todos os lugares existe apenas Isso.

17.11. A alma liberta permanece no Eu apenas e tem coração puro. Ele vive sempre e em toda parte, livre de desejos.

17.12. Vendo, ouvindo, tocando, cheirando, comendo, tomando, falando, andando, a grande alma não exerce esforço nem não-esforço. Ele é realmente livre.

17.13. A alma liberta não critica nem elogia, não dá nem recebe, não se regozija nem fica com raiva. Em toda parte, ele é desapegado e livre.

17.14. A grande alma permanece equilibrada e imperturbada, seja na presença de uma mulher apaixonada ou observando a aproximação de sua morte. Ele é realmente livre.

17.15. O sábio não vê diferença entre felicidade e miséria, homem e mulher, adversidade e sucesso. Tudo é visto como sendo o mesmo.

17.16. No sábio não há violência nem piedade, nem arrogância nem humildade, nem ansiedade nem admiração. Sua vida mundana se esgotou. Ele transcendeu o seu papel de pessoa.

17.17. O liberto não evita a experiência nem a anseia. Ele desfruta do que vem e do que não vem.

17.18. O sábio não fica em conflito por estados de quietude e pensamento. A sua mente está vazia. O seu lar é o Absoluto.

17.19. Embora ele possa realizar ações, o homem de conhecimento não age. Com os desejos extintos, livre de pensamentos de "eu" e "meu", ele sabe com certeza absoluta que nada existe.

17.20. O sábio é livre. A sua mente vazia não mais projeta ilusão, sonhos, estupidez. Esse estado é indescritível. ◄

18. Paz

Ashtavakra disse:

18.1. Louve Aquilo que é a própria Bem-aventurança, que é por natureza quietude e luz, e que por Seu conhecimento revela o mundo como um sonho.

18.2. Alguém pode desfrutar dos abundantes prazeres do mundo, mas ele nunca será feliz até desistir deles.

18.3. Como alguém cujo âmago mais profundo foi queimado pelo sol da tristeza que vem do dever pode ser feliz até a doce chuva de quietude torrencial?

18.4. O universo é apenas um pensamento na Consciência. Na Realidade, ele não é nada. Aquele que vê a verdadeira natureza da existência e da inexistência nunca deixa de existir.

18.5. O Eu – que é Absoluto, sem esforço, atemporal, imaculado – é sem limites e não está a nenhuma distância de você. Você é para sempre Isso.

18.6. Para aqueles cuja visão se torna clara, a ilusão evapora e o Eu se torna conhecido. Toda tristeza se dissipa instantaneamente.

18.7. Vendo tudo como imaginação, conhecendo o Eu como eternamente livre, o sábio vive como uma criança.

18.8. Conhecendo-se como Absoluto, reconhecendo a existência e a inexistência como apenas imaginação, o que há para o livre de desejos aprender, dizer ou fazer?

18.9. Sabendo com certeza que tudo é Eu, o sábio não tem vestígios de pensamentos como "Eu sou isso" ou "Eu não sou aquilo".

18.10. O yogue que encontra a quietude não é distraído nem focado. Ele não conhece prazer nem dor. Com a ignorância dissipada, ele é livre do conhecimento.

18.11. Céu ou pobreza, ganho ou perda, sociedade ou solidão, para o yogue livre do condicionamento não há diferença.

18.12. Mérito religioso, prazer sensorial, prosperidade mundana, discernimento entre isso e aquilo – esses não têm significado para o yogue livre de opostos como "Eu faço isso" e "Isso eu não faço".

18.13. O yogue que está livre enquanto vivo não tem deveres nesse mundo, nem apegos em seu coração. A vida dele prossegue sem ele.

18.14. Para a grande alma que permanece além do desejo, onde está a ilusão? Onde está o universo? Onde está a meditação sobre Aquilo? Onde mesmo está a libertação deles?

18.15. Aquele que vê o mundo pode tentar renunciar a ele. Mas o que aquele que não tem desejos pode fazer? Ele vê que não há nada para ver.

18.16. Aquele que viu o Brahma Supremo pensa: "Eu sou Brahma". Mas aquele que transcendeu todo pensamento, o que ele pode pensar? Ele não conhece nada além do Eu.

18.17. Obtém autocontrole aquele que vê a sua própria distração. Mas a grande alma não é distraída. Ele não tem nada a obter. Ele não tem nada a fazer.

18.18. O homem de Conhecimento pode viver como um homem comum, mas ele não é. Ele vê que ele não é nem focado nem distraído, e não repreende a si mesmo.

18.19. Aquele que está além da existência e da inexistência – que é sábio, satisfeito, livre de desejos – não faz nada, embora o mundo possa vê-lo em movimento.

18.20. O sábio não é perturbado por ação ou inatividade. Ele vive feliz, fazendo o que quer que seja feito.

18.21. Como uma folha ao vento o liberto é desacorrentado da vida – sem desejos, independente, livre.

18.22. Para aquele que transcendeu o mundo não há alegria nem tristeza. Com a mente aquietada, ele vive sem nenhum corpo.

18.23. Aquele que conhece o Eu, cuja mente é serena e imaculada, não deseja desistir de nada, nem ele sente falta do que não está lá.

18.24. A sua mente estando em um estado natural de vazio, o sábio não sabe nada de honra e desonra. Ele faz o que vem para ser feito.

18.25. Aquele que age sabendo que "Isso é feito pelo corpo, não pelo eu, puro Eu," de fato não faz nada – não importa o quanto de ação ocorra.

18.26. O liberto age sem afirmar estar agindo, mas ele não é tolo. Ele é abençoado e feliz mesmo no mundo.

18.27. Tendo tido o bastante do funcionamento interminável da mente, o sábio repousa. Ele não pensa, nem conhece, nem ouve, nem vê.

18.28. Além da quietude, além da distração, a grande alma não pensa em nada sobre libertação ou escravidão. Tendo visto que o universo é vazio – embora ele pareça existir – ele é Deus.

18.29. Aquele que acredita que ele é uma pessoa está agindo constantemente, mesmo quando o corpo está em repouso. O sábio sabe que ele não é uma pessoa, e, portanto, não faz nada, mesmo quando o corpo está em movimento.

18.30. A mente do liberto não é perturbada nem satisfeita. Ela é sem ação, sem movimento, sem desejo e livre de dúvidas.

18.31. O liberto não faz esforço para meditar ou agir. Ação e meditação apenas acontecem.

18.32. Ouvindo a verdade suprema, o homem estúpido fica confuso. O sábio que ouve a Verdade se retira internamente e parece estúpido.

18.33. Os ignorantes praticam meditação e não-pensamento. O sábio, como homens em sono profundo, não faz nada.

18.34. O homem ignorante não encontra paz seja por esforço ou ausência de esforço. O homem sábio é aquietado apenas pela Verdade.

18.35. Embora eles sejam por natureza o Eu somente, pura inteligência, amor e perfeição; embora transcendam o universo e sejam a própria clareza, os homens do mundo não veem isso através de meditação e práticas.

18.36. O homem ignorante nunca será libertado por meio de suas práticas repetitivas. Bem-aventurado é aquele que por simples compreensão entra na liberdade atemporal.

18.37. Porque ele deseja conhecer Deus, o homem ignorante nunca pode se tornar Aquilo. O homem sábio é Deus porque ele está livre do desejo e não sabe nada.

18.38. Incapazes de permanecer serenos, e ansiosos pela salvação, os ignorantes perpetuam a ilusão de mundo. Vendo o mundo como a fonte de toda miséria, os sábios o cortam pela raiz.

18.39. O tolo pensa que a paz vem por controlar a mente. Ele nunca conseguirá isso. O sábio sabe a Verdade, e é a própria quietude.

18.40. Para aquele que acha que o conhecimento é coisas e ideias como pode haver Autoconhecimento? Os sábios não veem coisas separadas – apenas o Eu eterno.

18.41. O tolo tenta controlar a mente com a mente – que tolice! O sábio se deleita apenas no Eu. Não há mente para dominar.

18.42. Alguns acreditam na existência; outros acreditam que nada existe. Raro é aquele que não acredita em nada e nunca fica confuso.

18.43. Intelectuais fracos podem acreditar que o Eu é Único sem outro. Mas estando atolados em ilusão eles realmente não conhecem o Eu, e então vivem suas vidas na miséria.

18.44. A mente de alguém que busca libertação depende de coisas para a percepção. A mente do liberto não percebe nada e é livre do desejo.

18.45. Homens medrosos temem a experiência sensorial tanto quanto temem tigres. Eles buscam refúgio em cavernas e tentam não pensar no mundo.

18.46. Experiências sensoriais são como elefantes que, ao encontrarem um homem livre de desejos, o veem como um leão. Eles imediatamente giram em seus calcanhares, ou, se não incapazes de escapar, ficam para lisonjeá-lo e servir-lhe.

18.47. Um homem sem dúvidas, que conhece apenas o Eu, não precisa de prática ou libertação. Vendo, ouvindo, tocando, cheirando, comendo, ele vive como ele é, alegremente.

18.48. Aquele cuja mente fica vazia e sem conflitos pela mera audição da Verdade não vê nada para fazer, nada para evitar, nada para justificar sua indiferença.

18.49. O sábio faz o que quer que apareça para ser feito sem pensar no bem ou no mal. As suas ações são aquelas de uma criança.

18.50. Não dependendo de nada alguém encontra a felicidade. Não dependendo de nada alguém alcança o Supremo. Não dependendo de nada alguém passa pela tranquilidade para o Único Eu.

18.51. Quando alguém percebe que ele não é o ator nem aquele que observa, a tempestade mental é acalmada.

18.52. As ações do sábio, livres de pretensão e motivo, brilham como luz clara. Não são assim aquelas do buscador iludido que simula um comportamento pacífico enquanto permanece firmemente apegado.

18.53. Ilimitados, desagrilhoados, desacorrentados das projeções da mente, os sábios são livres para brincar e desfrutar, ou se retirar para cavernas de montanha.

18.54. Seja honrando um estudioso espiritual, um deus ou santuário sagrado; seja vendo uma mulher desejável, um rei, ou amigo amado – o coração do sábio é impassível.

18.55. Embora seus servos, filhos, esposas, filhas, netos e todos os seus parentes o ridicularizem e o desprezem, o yogue é impávido.

18.56. Embora agradado ele não fica satisfeito, embora atormentado ele não sofre. Esse estado maravilhoso é compreendido apenas por aqueles semelhantes a ele.

18.57. A crença no dever cria um mundo relativo para o seu cumprimento. O sábio conhece a Si Mesmo como informe, eterno, onipresente, imaculado, e assim transcende o dever e o mundo.

18.58. Mesmo não fazendo nada o tolo é ansioso e distraído. Mesmo em meio a grande ação o sábio permanece sereno.

18.59. Mesmo na vida prática o sábio permanece feliz. Feliz por sentar-se, feliz por dormir, feliz por se mover, feliz por falar, feliz por comer...

18.60. Porque ele conhece o Eu, o sábio não é perturbado pela vida prática. Ele é profundo e imóvel, como um vasto lago. Ele não é como as pessoas comuns. As suas tristezas desapareceram.

18.61. Para o iludido, mesmo o repouso é uma atividade. Para o sábio, mesmo a ação tem o fruto da quietude.

18.62. O iludido muitas vezes é adverso às coisas de sua vida. Para aquele sem pensamentos em relação ao corpo, o apego e a aversão não têm sentido.

18.63. A mente iludida está presa em pensar e não pensar. Embora a mente do sábio possa pensar aqueles pensamentos que vierem, ele não está ciente disso.

18.64. O sábio não vê nada sendo feito mesmo quando realizado por suas mãos. Como uma criança ele é puro e age sem razão.

18.65. Bem-aventurado de fato é aquele que conhece o Eu. Embora vendo, ouvindo, tocando, cheirando, comendo, ele nunca deseja nem muda.

18.66. Para aquele que é vazio e imutável, onde está o mundo e suas imaginações? Onde está o fim? Onde está a possibilidade disso?

18.67. Glorioso é aquele que livre de desejos encarna a própria Bem-aventurança. Ele veio a ser absorvido no Eu.

18.68. Em suma, a grande alma que realizou a Verdade é livre do desejo, do prazer e da libertação. Em todo o espaço e tempo ele não está preso a nada.

18.69. O que resta para Aquele que é a própria Consciência, que vê a inexistência de um mundo fenomênico criado pelo mero pensamento em um nome?

18.70. A paz é natural para aquele que sabe com certeza que nada existe, que vê que aparências são ilusão, para quem o inexprimível é evidente.

18.71. Regras de conduta, desapego, renúncia, ascetismo – o são esses para aquele que vê a irrealidade das coisas, que é a Luz da Consciência?

18.72. Como pode haver alegria ou tristeza, escravidão ou libertação para quem percebe a inexistência e ilumina o infinito?

18.73. Até a Autorrealização a ilusão prevalece. O sábio vive sem pensamentos de "eu" ou "meu". A sua conexão com a ilusão é cortada.

18.74. O que é conhecimento? O que é o universo? O que são pensamentos como "Eu sou o corpo", ou "o corpo é meu"? O sábio é imperecível e livre de tristezas. Ele é o Eu apenas.

18.75. Quando um homem fraco abandona a meditação ele se torna vítima de caprichos e desejos.

18.76. Mesmo ouvindo a Verdade, o homem de intelecto embotado se apega à ilusão. Através de esforço e supressão ele pode parecer externamente calmo, mas por dentro ele almeja o mundo.

18.77. Embora outros possam vê-lo trabalhando, o sábio não faz nada. O conhecimento baniu o esforço. Ele não encontra nenhuma razão para fazer ou falar.

18.78. O sábio é destemido, inatacável. Sem escuridão, sem luz, sem nada a perder. Nada.

18.79. Paciência, discernimento, até destemor – de que esses servem para o yogue? A sua natureza não pode ser descrita. Ele não é uma pessoa.

18.80. Sem céu, sem inferno, sem libertação para os vivos. Em suma, a Consciência é Vazia. O que mais pode ser dito?

18.81. O sábio não anseia pela realização nem se aflige pela não-realização. A sua mente é calma e cheia de doçura.

18.82. Desapegado do desejo, o sábio não louva a paz nem critica os maus. Igualmente contente na felicidade e na miséria, ele não mudaria nada.

18.83. O sábio não rejeita o mundo nem deseja o Eu. Ele é livre de alegrias e tristezas. Ele não vive e não pode morrer.

18.84. O sábio vive sem esperança. Ele não tem nenhum apego a seus filhos, esposa ou qualquer pessoa. O prazer não significa nada para ele. A sua vida é gloriosa.

18.85. O sábio vagueia como ele quer e vive do que quer que venha. O contentamento sempre habita em seu coração. E quando o sol se põe ele descansa onde ele está.

18.86. Radicada no Ser, sem pensar em nascer ou renascer, a grande alma é indiferente à morte ou nascimento de seu corpo.

18.87. O sábio permanece sozinho, não se importando com nada, desprovido de bens. Ele vai para onde quer, não impedido por opostos, com as suas dúvidas despedaçadas. Ele é realmente abençoado.

18.88. O sábio não tem senso de "meu". Para ele terra, pedra e ouro são a mesma coisa. Os nós de seu coração foram desatados. Ele não conhece ignorância nem tristeza. Ele é excelente em todos os sentidos.

18.89. A alma liberta não tem desejo em seu coração. Ele é contente e indiferente. Ele é sem igual.

18.90. Apenas alguém livre de desejos não sabe nada sobre saber, diz que nada precisa ser dito, não vê nada para ver.

18.91. Aquele que é sem desejo se distingue, ele seja mendigo ou rei. Ele já não vê o bem nem o mal.

18.92. O que é luxúria ou restrição, ou o desejo pela Verdade para o yogue que alcançou a meta da vida, e que encarna virtude e sinceridade?

18.93. A experiência interna de alguém que é livre de desejos e sofrimentos, que é contente e repousa no Eu – como ela pode ser descrita, e de quem?

18.94. O estado do sábio nunca varia. Dormindo profundamente, ele não está dormindo. Deitado em devaneio, ele não está sonhando. De olhos abertos, ele não está acordado.

18.95. O homem de Conhecimento parece pensar, mas não tem pensamentos. Ele parece ter percepções dos sentidos, mas não experimenta. Ele parece ter inteligência, mas tem a mente vazia. Ele parece ser uma pessoa, mas não é.

18.96. O homem de Conhecimento não é feliz nem miserável, nem desapegado nem apegado, nem liberto nem buscador de libertação. Ele não é nem isso nem aquilo.

18.97. Mesmo enquanto distraído o abençoado ainda é imóvel. Em meditação, ele não medita. Em ignorância, ele permanece perspicaz. Embora erudito, ele não conhece nada.

18.98. O liberto, que permanece incondicionalmente no Eu, que é livre do conceito de ação e dever, que é sempre e em todos os lugares o mesmo, é livre de desejos. Ele não se preocupa com o que ele fez ou não fez.

18.99. O sábio não fica satisfeito com louvor, nem aborrecido com crítica. Ele não se regozija na vida nem teme a morte.

18.100. Aquele de mente tranquila não procura multidões nem o ermo. Ele é o mesmo onde quer que ele vá. ◄

19. O Repouso no Eu

Janaka disse:

19.1. Com a pinça da Verdade eu arranquei o espinho do pensamento da caverna mais profunda do meu coração.

19.2. Onde está a meditação, o prazer, a prosperidade ou o discernimento? Onde está a dualidade? Onde mesmo está a Unidade? Eu permaneço na glória do Eu.

19.3. Onde estão o passado e o futuro, ou mesmo o presente? Onde está o espaço, ou mesmo a eternidade? Eu permaneço na glória do Eu.

19.4. Onde está o Eu? Onde está o não-Eu? Onde estão o bem e o mal, a confusão e a clareza? Eu permaneço na glória do Eu.

19.5. Onde está o sono, o sonho, a vigília, ou mesmo o quarto estado? Onde está o medo? Eu permaneço na glória do Eu.

19.6. Onde está o próximo ou distante, dentro ou fora, grosseiro ou sutil? Eu permaneço na glória do Eu.

19.7. Onde estão a vida e a morte? Onde estão o mundo e as relações mundanas? Onde estão a distração e a quietude? Eu permaneço na glória do Eu.

19.8. Não há necessidade de falar sobre os três objetivos da vida. Falar de yoga é inútil. Mesmo falar sobre a Verdade é irrelevante. Eu repouso no Eu somente. ◄

20. A Libertação em Vida

Janaka disse:

20.1. Onde estão os elementos, o corpo, os órgãos, a mente? Onde está o vazio? Onde está o desespero? A minha natureza é uma clareza transparente.

20.2. Onde está a escritura? Onde está o Autoconhecimento? Onde está a ausência de mente? Onde estão o contentamento e a ausência de desejos? Eu sou desprovido de senso de dois.

20.3. Onde estão o Conhecimento e a ignorância? Onde está o "eu"? Onde está "isso"? Onde está o "meu"? Onde estão a escravidão e a libertação? O Eu não tem atributos.

20.4. Onde está o desdobramento do karma? Onde está a libertação em vida, ou mesmo a libertação na morte? Há apenas Um.

20.5. Onde está o fazedor ou desfrutador? Onde está a origem ou o fim do pensamento? Onde está o conhecimento direto ou refletido? Não há ninguém aqui.

20.6. Onde está o mundo? Onde está o buscador de libertação? Onde está o contemplativo? Onde está o homem de Conhecimento? Onde está a alma em escravidão? Onde está a alma liberta? A minha natureza é Unidade.

20.7. Onde estão a criação e a destruição? Onde estão o fim e os meios? Onde está o buscador? Onde está a realização? Eu sou Um.

20.8. Onde está o conhecedor? Onde está o conhecer? Onde está o conhecido, ou o próprio conhecimento? Onde há alguma coisa? Onde não há nada? Eu sou Consciência pura.

20.9. Onde estão distração, concentração, conhecimento ou ilusão? Onde está alegria ou tristeza? Eu sou Quietude.

20.10. Onde está o relativo? Onde o transcendente? Onde está a felicidade ou a miséria? Eu sou desprovido de pensamentos.

20.11. Onde está a ilusão? Onde está a existência? Onde está o apego ou o não-apego? Onde está a pessoa? Onde está Deus? Eu sou Consciência.

20.12. Onde está a atividade ou a inatividade? Onde está a libertação ou escravidão? Eu sou eterno, indivisível. Eu sou só o Eu.

20.13. Onde estão os princípios e as escrituras? Onde está o discípulo ou o instrutor? Onde está a razão para a vida? Eu sou ilimitado, Absoluto.

20.14. Onde está a existência ou a inexistência? Onde está a Unidade ou dualidade? Nada emana de mim. Nada mais pode ser dito. ◄